

REINVENTAR A DEMOCRACIA

O escritor José Saramago analisa a situação política internacional e propõe um pacto para repensar a relação dos cidadãos com seus países. A ALESSANDRA MELEIRO

JOSÉ SARAMAGO, JORNALISTA E PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA EM 1998, passou recentemente por São Paulo para uma palestra sobre sua última obra, *O Homem Duplicado*, no teatro do Colégio Santa Cruz. A visita ocorreu pouco tempo depois de Saramago, um dos principais nomes da esquerda mundial, ter rompido publicamente com Fidel Castro na seqüência da execução dos seqüestradores de um barco que foi desviado para os EUA. "Até aqui cheguei. De agora em diante, Cuba seguirá seu caminho e eu fico onde estou", declarou ao jornal espanhol *El País*.

Fidel, em entrevista publicada pelo jornal argentino *Página 12*, comentou a crítica de José Saramago lamentando que ele não tenha entendido "uma só palavra sobre as realidades em que vivem Cuba e o mundo".

Assim como *O Homem Duplicado* é uma aposta clara pela alteridade, pelo reconhecimento do outro, Saramago declarou em sua passagem por São Paulo: "Aquilo que escrevi foi com muita dor. Minha solidariedade com o povo cubano continua intacta".

Durante sua palestra, Saramago pontuou que não foi ele quem se distanciou da Revolução Cubana e sim, a Revolução Cubana que se distanciou de si mesma. "O que é curioso é que quando apoiava Cuba eu entendia o que se passava no mundo. Agora que não apoio, não entendo mais", ironizou.

Os personagens de suas obras se interrogam sobre sua própria identidade: Quem somos? Por que não reconhecemos e compartilhamos uma natureza humana se somos iguais? O escritor, em carne e osso, também se interrogou: "Há que punir. Mas por que com fuzilamentos? Fidel disse ser contra a pena de morte, e eu acredito que seja sincero. Espero que isso mude".

Sua ficção mostra uma imagem de nós mesmos: somos sombras no fundo da caverna e confundimos imagens com a realidade, como ele mesmo diz em referência ao mito platônico. "A humanidade nunca viveu tanto a caverna de Platão como hoje. Vivemos na caverna do engano, de nossa própria ignorância e a única forma de sair dela é o debate, a crítica, a análise."

Em entrevista a *CartaCapital*, no Congresso Internacional Humanismo para el Siglo XXI, ocorrido em Bilbao, Espanha, antes de sua vinda para São Paulo, Saramago refletiu sobre democracia e direitos humanos em um contexto internacional de recentes violações de direitos em Cuba e no Iraque.

CartaCapital: *O humanismo é uma forma de sairmos da caverna de Platão?*

José Saramago: Falar sobre um humanismo para o século XXI é quase uma piada macabra. Deveríamos pensar que o humanismo, já que vivemos um movimento de globalização, também se globalizaria. Mas a pergunta inevitável ao nos defrontarmos com o espetáculo de miséria, fome e humilhação cotidiana de milhões e milhões de pessoas no mundo é: humanismo onde? Humanismo para quê? Eu falo de uma primeira sensação e, no fundo, encontramos, e todos nos encontra-

mos, em uma situação em que o que teríamos de possibilidade de relações humanamente profundas ou profundamente humanas é algo que está em um mesmo espaço e se situa a uma mesma distância que as utopias: acabam-se as esperanças, acabam-se as utopias, e o humanismo, como se sabe, é qualidade da esperança. Mas a obviedade de todos os dias está dizendo que de humanismo, nada, ou quase nada.

CC: *Há uma dor de viver em um tempo como este, sobretudo uma dor inconsciente, porque tudo o que se faz não tem levado a mudanças ou a pensar que algo está mudando do ponto de vista humanista.*

JS: Tomando em conta a situação da política internacional que estamos vivendo, quantos eventos dos séculos XIX e XX, historicamente soterrados, agora voltam à superfície? Esta nossa civilização, tão alta, tão transcendente, tão capaz de tudo, nos últimos anos do século XIX foi capaz de cometer genocídios como do Santo Ofício ou da Inquisição, mas na memória dos homens ocidentais essas vítimas não estão contabilizadas.

Temos avançado algo, mas no fundo pouca consequência isto tem na vida cotidiana. Por outro lado, penso que nossa situação de relativos, não quero dizer de absolutos, privilegiados no plano cultural, educacional, social, faz com que, ao falarmos de coisas que nos tocam diretamente, acreditemos que estas coisas tocam a todo mundo.

Na Europa, existe essa espécie de eurocentrismo mental e quer-se que as soluções que venhamos a encontrar sejam aproveitadas por todos, como se o mundo tivesse todos os

PERSONAGEM

José Saramago, Prêmio Nobel de Literatura (1998), nasceu em Portugal em 16 de novembro de 1922. É autor de *Memorial do Convento*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* e *A Jangada de Pedra*.

motivos para receber e cumprir o que dessas soluções se conclui.

CC: *Estamos em Bilbao, uma cidade que sofreu uma profunda transformação desde a construção do Museu Guggenheim. Tomando a cidade como metáfora, o senhor acredita que os homens possam se transformar a ponto de olhar o mundo com outros olhos?*

JS: Apesar de tudo, creio que podemos pensar na possibilidade de um humanismo para os próximos séculos, e tenho duas colocações do que considero fundamental, essencial, para chegarmos a algo de onde se possa começar a falar de um humanismo novo para o século XXI ou XXII ou XXIII.

Em primeiro lugar: reinventar a democracia. E quando digo isso não quero considerá-la segundo a definição clássica de governo do povo, pelo povo e para o povo, porque ninguém mais acredita nisso, portanto, há que reinventá-la.

O que podemos fazer democraticamente? O que podemos fazer democraticamente é fundamentalmente votar. E o que podemos fazer com o voto? Tirar um governo e colocar outro, nada mais. Mas, se pensamos que o poder real, objetivo, concreto, existe em um outro nível, então chegamos à conclusão de que o poder cívico do cidadão, seu voto, vale somente a metade, porque apenas escolhe o governo.

CC: *E como reinventar a democracia?*

JS: A democracia é só isto, esta fachada iluminada, colorida, emocionante? Isso exigiria um debate sério, um debate profundo sobre o que seria efetivamente a democracia. Curiosamente, vivemos em um mundo em que se discute tudo, menos a democracia. Como se ela fosse algo impecavelmente funcionando, imaculadamente criada e mantida até hoje.



“ HÁ QUE PUNIR. MAS POR QUE COM FUZILAMENTOS? FIDEL DISSE SER CONTRA A PENA DE MORTE ”

“ A DEMOCRACIA É SÓ ISTO, ESTA FACHADA ILUMINADA, COLORIDA, EMOCIONANTE? ”

“ SE QUIERMOS UM HUMANISMO PARA O SÉCULO XXI, É PRECISO APLICAR OS DIREITOS HUMANOS ”

Reinventar a democracia teria que passar por um pacto sério, honesto. Repensar a relação dos cidadãos com seu país e com a sociedade mundial. Saber como podemos recuperar um sentido democrático da existência, que é a participação.

A outra colocação que considero importante diz respeito à Declaração Universal dos Direitos Humanos. Quando se deu o cinquentenário dessa Declaração houve festas oficiais que recordaram o documento e, desde aí, não se tocou mais no assunto. E é interessante porque esse documento não é um documento revolucionário, não é um manifesto comunista, foi firmado por capitalistas,

não é um documento do inimigo.

E por que não se cumprem os 30 direitos? Acredito que, se as propostas de governo e as propostas eleitorais dos partidos de esquerda, de centro e de direita fossem esquecidas, não se perderia nada. Em seu lugar poderia ser apresentado para a opinião pública apenas um documento: a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Não seria necessário mais. Todas as propostas que um partido político poderia fazer para ser governo estariam contidas nesse documento. Se quisermos um humanismo para o século XXI, acredito que temos dois caminhos: repensar e reinventar a democracia e aplicar os direitos humanos.

O pior é que não sabemos como fazê-lo, e não sabemos como fazê-lo porque o poder nos foi das mãos. O cidadão não tem nenhum poder.

Se o homem é formado pelas circunstâncias, então é necessário formar as circunstâncias. E nunca, em nenhum tempo e lugar, se cumpriram humanamente as circunstâncias que vão formar o homem. Acredito que isso seria o humanismo em sua plenitude. ■